



A TRAJETÓRIA SOCIAL E EDUCACIONAL DO ABOLICIONISTA LUÍS GAMA: NOTAS E ANOTAÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Ricardo Alexandre da Cruz*

RESUMO: O trabalho em questão trata da trajetória educacional do negro Luís Gama e tem como objetivo reconstruir a sua trajetória sócio-educacional a fim mapear e evidenciar as estratégias efetuadas por ele e como que estas estratégias lhe possibilitaram construir uma trajetória bastante singular para a época. Isto é, de negro escravo Luis Gama torna-se rábula e abolicionista de destaque no século XIX. Ao focar a trajetória do negro Luis Gama, este trabalho tem como objetivo, também, da visibilidade para as possíveis relações que os negros estabeleceram com a educação, no século XIX, e lançar contribuições para o campo da História da Educação.

Palavras-chave: Negros e Educação; Trajetórias e Estratégias; História da Educação.

THE SOCIAL AND EDUCATIONAL HISTORY OF THE ABOLITIONIST GAMA: NOTES AND ANNOTATIONS TO THE HISTORY OF BRAZILIAN EDUCATION.

ABSTRACT: The work in question is the educational trajectory of black Gama and aims to rebuild their social and educational history in order to map and highlight the strategies made by him and how these strategies have enabled him to build a rather unique trajectory for the time . That is, the black slave Luis Gama becomes shyster abolitionist and prominent in the nineteenth century. By focusing on the trajectory of black Luis Gama, this work is also aimed visibility for possible relationships that blacks settled with education in the nineteenth century,



and launching contributions to the field of History of Education.

Keywords: Black and Education; Trajectories and Strategies; History of Education.

Introdução:

Este trabalho trata da trajetória educacional de um dos principais expoentes do movimento abolicionista no Brasil: Luís Gonzaga Pinto da Gama. Ele nasceu em 21 de julho de 1830 na cidade de São Salvador, capital da província da Bahia, vindo a falecer na cidade de São Paulo em 24 de agosto de 1882. Luís Gama era filho de um homem branco de origem portuguesa e nobre e de uma negra africana, liberta, de nome Luiza Mahin. Sobre a sua mãe conta-se que era altiva e geniosa e que havia participado de revoltas na Bahia e que o havia abandonado, definitivamente, quando esse tinha somente sete anos. O pai, por outro lado, “que o criara com extremo e como filho, era rico; mas em ostentação, em luxo, e sobretudo no jogo gastara toda a sua fortuna, e vendo-se pobre e afeito ao vício, vendeu o próprio filho como escravo para o Rio de Janeiro em 1840, sendo este daqui vendido para S. Paulo a um alferes de nome Antônio Pereira Cardoso que, tendo sido fazendeiro em Lorena se fizera negociante de escravo, e o enviaria para campinas. Não achando ali comprado pois este era baiano,¹ voltou ele a casa de seu senhor em S. Paulo, para onde indo depois morar [com] um estudante da faculdade de direito...” (BLAKE, 1970, p. 409).² É exatamente este estudante, e depois doutor em direito, de Campinas, de nome Antônio Rodrigues de Prado Júnior que se afeiçoou a Luis Gama e lhe ensinou as primeiras letras.

* Doutor em Educação pela PUC-SP.

¹A partir de 1807, segundo Souza (1997), ocorreram na Bahia, uma série de sedições negras que puseram a província em sobressalto: em 1807, 1809, 1813 ocorreram as chamadas insurreições dos haussás; de 1826, 1828, 1830 as chamadas insurreições nagôs e por fim o chamado levante dos malês, que foi o mais grave e que teve uma repressão violenta por parte das autoridades. Essas sedições acabaram por baixar o preço e tornar mal visto o escravo baiano no mercado.



Souza (2001, p. 104), assim narra o caso:

Dos dez aos dezessete anos, Luiz Gama serviu como escravo na casa do alferes. Primeiro, como escravo doméstico, aprendeu a ser copeiro, a lavar e passar roupa, depois, como escravo de ganho, a costurar e a ser sapateiro. Quando tinha dezessete anos, hospedou-se na casa um estudante, vindo de Campinas que, por amizade, começou a ensinar-lhe as primeiras letras. Segundo relato recolhido por Menucci (1938), Luiz Gama empregou-se no Colégio Isidoro, onde, ao mesmo tempo que trabalhava como servente ou zelador, atrás das portas das salas de aula, procurava aprender.

De certa forma, esse momento marca o início dos contatos de Luís Gama no universo da leitura e da escrita, contatos esses que serão decisivos no seu processo de socialização e que o consolidaram como líder destacado do movimento abolicionista no Brasil.

Após aprender as primeiras letras, munido do saber ler e escrever – fato raro para época, uma vez que parte significativa da população era analfabeta – Luís Gama de posse desse capital simbólico começa a visionar a sua liberdade como nos informa Souza (2001, p.104): “Luiz Gama pediu ao senhor que lhe concedesse a alforria, uma vez que ler e escrever, mesmo que minimamente, não estava ligado à representação que senhores e escravos faziam da condição escrava”. E ainda: “com tais habilitações Luís, obtendo algumas provas de sua condição de livre, fugiu e assentou praça no exército em 1848” (BLAKE, 1970, p. 410). Embora Luís Gama "não menciona que provas eram essas, nem o modo pela qual as obteve – provavelmente, a leitura e a escrita tenham desempenhado aí o papel de instrumento fundamental" (SOUZA, 1997, p. 10). Após ficar seis anos no exército obteve baixa. Por possuir boa letra, pois ele escrevia e lia no seu tempo de folga no serviço, tornou-se copista e foi escrever num cartório de um escrivão do fórum de São Paulo. Aí foi amanuense do gabinete particular do professor de direito e conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado Mendonça. O Conselheiro Delegado, era um homem influente que se interessava pelos problemas que existiam na cidade. Abolicionista renitente "fazia muitas vezes reverter contra os senhores queixas de fugas de escravos. Personificava, em certo sentido, o poder do Estado no núcleo provinciano: enviava censos econômicos às autoridade civis e ofícios às eclesiásticas, para sobrepor velhos poderes coloniais da igreja à 'marcha seguida até o presente e que não pode ser alterada' da autoridade civil em seus crescentes direitos" (SOUZA, 1997, p. 11). O

² Optou-se por usar as citações retiradas da obra de Blake (1970) em sua forma original. Por isso, algumas



Conselheiro além de proteção e estima ajudou a Luís Gama a adquirir uma relevante bagagem de conhecimentos jurídicos e o ajudou também a iniciar a sua trajetória abolicionista. Esse encontro de Luís Gama com Furtado Mendonça foi decisivo para a carreira de advogado de Luís Gama. Pois, desde de jovem o singular abolicionistas já deixava, como bem salientou Paulo Pereira dos Reis (1991, p..2), em um sucinto artigo intitulado Luís Gama, O Moralista, O Advogado E Abolicionista, “transparecer em seus atos e no interesse pelos livros jurídicos, um pendor inegável para as lides judiciais, especialmente aquelas em que se defendiam os direitos dos escravos”. Segundo esse autor, “Luís Gama, que viveu um período importante e decisivo da sua vida na biblioteca do conselheiro Furtado Mendonça, professor de direito, sentia-se atraído pela advocacia. Para concretizar sua aspiração, tentou ingressar no curso jurídico de São Paulo. Diante da forte reação contrária dos estudantes, não conseguiu efetivar a sua matrícula, saindo da Academia decepcionado e magoado com a hostilidade dos estudantes” (REIS, 1991, p. 2). No entanto manteve firme sua decisão de advogar. Como já freqüentava desde 1848 a biblioteca de Furtado Mendonça pôde adquirir o capital cultural jurídico necessário para a época, o que lhe possibilitou mais tarde exercer, como advogado provisional, a advocacia com brilhantismo e competência. Isso “graças aos seus dotes de oratórios, ao fulgor de sua inteligência, à racionalidade e sutileza de sua hermenêutica, à consistência e vigor de suas argumentações” (REIS, 1991, p. 225).

O gosto pelas letras aproximou Luís Gama de seus contemporâneos quanto à expressão no mundo da literatura. Em 1859 editou em São Paulo *as Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*. Nesse livro se encontra inserida a poesia *Quem Sou Eu?* Também conhecida por *Bodarrada*, Com esse livro caberia a Luís Gama “iniciar entre nós a verdadeira poesia social, inspirada na situação específica (sociedade escravocrata, conflitos de ordem político, econômico e social que pairava na atmosfera brasileira naquele momento) do Brasil” (MARTINS, 1996, p. 94). Parecia com essa obra ter um futuro promissor no campo da produção literária, mas sua carreira literária ficou nessa estréia. No campo jornalístico, foi creditado a ele a fundação da imprensa humorística paulistana com a criação do Diabo Coxo (17-10-1864 a 24-11-1865), que era uma espécie de jornal onde se exibia caricaturas. Em 1868 foi excluído do serviço público devido ao fato de que “a esse tempo, pugnava intensamente

palavras estão escritas com grafia diferente da atual.



em favor da libertação dos negros: auxiliava nas alforrias e promovia processos em prol de pessoas livres ilicitamente escravizadas. Por isso foi demitido “a bem do serviço público” (MENEZES, 1969, p. 565). Colaborou em vários jornais. Foi aprendiz de tipógrafo do jornal O Ipiranga. Depois de algum tempo foi redator do Radical Paulistano, juntamente com personagens de destaque como Rui Barbosa, Castro Alves e Joaquim Nabuco, entre outros. Por fim, redigiu ainda o periódico humorístico O Polichinelo (1876).

Luis Gama foi casado com a negra Claudina Fortunata Sampaio "do consorcio só houve um filho, Benedito Graco Pinto da Gama, que estudou na Escola Militar, chegou ao posto de major de artilharia do Exercito e ocupou, durante muitos anos, o lugar de comandante de nosso corpo de bombeiros" (MENUCCI, 1938, p. 226). Até o fim de sua vida lutou, Gama, contra a escravidão mas não chegou a testemunha como resultado de seu incessante e incansável trabalho a emancipação dos escravos no Brasil, pois faleceu em 1882, como afirmado anteriormente.

Observando a reconstrução da história de vida de Luís Gama, pode supor-se que embora sua mãe, negra liberta, tenha ausentado em definitivo da sua companhia quando esse tinha apenas sete anos ela, por sua vez, não tenha deixado de influenciar e possivelmente de deixar registros específicos de sua personalidade forte e decidida no caráter em formação de Luís Gama. Por outro lado, sendo o pai branco e rico, em termos concretos, as disposições econômicas e possivelmente culturais do pai não parecem, a primeira vista, ter incidido de maneira manifesta na caminhada educacional de Gama. No entanto, o fato de Gama ter convivido com o pai durante dez anos leva a crer que o pai, tenha tido alguma influência na vida do mesmo. Pois assim como no caso da mãe, pode-se supor que essa convivência com o pai durante dez anos tenha fornecido elementos estruturantes que possivelmente tenham sido incorporados por Gama, como *habitus*³, vindo assim a influenciar e delinear os contornos de sua personalidade.

Nessa reconstrução da história de vida de Luís Gama alguns fatores devem ser ressaltados. Fatores tais como a presença do estudante Prado Júnior e do conselheiro Furtado

³ O conceito de *habitus* foi desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983, p.94) que o define como um “Sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidos para este fim”.



Mendonça na sua trajetória, assim como o gosto acentuado pela ciência Jurídica que Gama vai desenvolvendo no decorrer de sua vida. Pois, considerando o objetivo deste trabalho que é fazer uma reconstrução da trajetória educacional e social do mesmo, a fim de que com isso se possa compreender com maior possibilidade de êxito questões tais, que em muito permanecem obscurecidas, como, por exemplo, um indivíduo negro e escravo consegue se tornar um advogado de sucesso em pleno século XIX no Brasil escravocrata? Pois à época o que predominava era uma quase “ausência de um sistema escolar que contemplasse não só o direito, mas também o desejo, dos diferentes sujeitos sociais quanto à instrução pública...” (PORTES & CRUZ, 2003, p. 80).

No entanto, após a reconstrução da história de vida de Luís Gama, o que se mostrou decisivo para o início e prosseguimento da trajetória de socialização de Gama foi o seu contato em 1847 com o estudante de direito Antônio Rodrigues de Prado Júnior, que lhe ensinou as primeiras letras. Gama contava nessa época com 17 anos de idade. Sem dúvida, o fato de Gama aprender a ler e a escrever e fazer uso desse capital simbólico propiciou a ele uma possibilidade real de conseguir sua liberdade e, sobretudo, de aprofundar a sua trajetória de socialização, de forma a se apropriar de uma série de conhecimentos, disposições que poderiam lhe ajudar a fazer frente as inúmeras barreiras que poderiam se impor a ele durante a construção dessa trajetória. Barreiras essas, que tendiam a se tornar cada vez mais intensas na medida em que ele construía uma trajetória pouco comum para época. Pouco comum, no sentido que dentro da sociedade escravocrata brasileira os papéis sociais já estavam definidos *a priori* e o papel social disponível e legado aos negros era o de serem escravos. Na medida que Gama se recusa em desempenhar esse papel social, dentro da sociedade brasileira, destinado aos indivíduos negros e começa, obstinadamente, a reunir esforços para desempenhar um outro papel social que tradicionalmente estava reservado aos indivíduos brancos ele passa a desafiar de maneira direta as idéias e princípios racistas e ideológicos, correntes à época. É preciso lembrar que esse movimento de apropriação de uma série de conhecimentos e de disposições, realizado por Gama, não era algo necessariamente concebido e consciente, o que não impediu por sua vez que esse movimento desse sustentação a aventura educacional de Gama. Pois "A trajetória escolar revela ainda as condições de aquisição de um conjunto de disposições adquiridas ao longo do tempo, formadoras de um capital cultural ou, quando nada,



de sua vertente transformada, o capital escolar, colocado à disposição para fazer frente às necessidades de sobrevivência e afirmação em uma sociedade escravocrata”(PORTES & CRUZ. 2003, p. 80).

Constatou-se também que Luís Gama foi adquirindo um certo interesse pela ciência Jurídica ao conhecer outro personagem, o conselheiro Furtado Mendonça, decisivo para concretizar o gosto acentuado pela advocacia. Mais uma vez aqui percebe-se o conceito de capital social em atuando na trajetória de socialização de Gama.

Segundo Bourdieu (2008, p. 67) o capital social:

É o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.

Pois, ainda que Gama nessa época não contasse com um amplo capital social, visível em uma ampla teia de relações das quais poderiam se utilizar para atingir determinados fins, sejam eles conscientes ou não, Gama pôde contar com um restrito mas eficiente capital social que se revelou na sua relação de amizade e proximidade com o estudante de direito Prado Júnior e com o professor de direito da Academia Jurídica de São Paulo, o conselheiro Furtado Mendonça. Esse último também se afeiçoou a Gama e a proteção recebida de Furtado Mendonça foi de crucial importância para que Gama, através de um sobre – esforço se apropriasse dos indispensáveis conhecimentos de direito, do capital cultural jurídico e construísse, assim, um certo *habitus* profissional. É interessante ressaltar que esse “sobre - esforço”, mencionado acima, é uma característica constatada em várias pesquisas que estudam o sucesso escolar nos meios populares. Pois, quando se flagra nas camadas populares, que geralmente possuem déficit de capital cultural e capital econômico, sujeitos que efetuaram trajetórias marcadas por longevidade escolar (VIANA 1998) – entendida aqui por aqueles indivíduos que chegam ao ensino superior –, nota-se “a presença de um sobre-esforço do jovem para conseguir recuperar e se apropriar de conteúdos necessários à sobrevivência no interior do sistema escolar” (PORTES, 2001, p. 119). E esse sobre – esforço aliado a uma



tenaz "autodeterminação" (VIANA, 1998), possibilitam, como no caso específico de Gama, a fazer frente aos inúmeros percalços que podem surgir em sua trajetória de socialização.

Como já foi dito na reconstrução da história de vida de Luís Gama, Furtado Mendonça havia franqueado as portas de sua biblioteca a ele que, “como leitor inteligente e aplicado” (REIS, 1991, p. 226), apropriou-se dos conhecimentos de direito, necessários para tentar matricular-se na Academia Jurídica de São Paulo. Como se sabe, devido à pressão contrária dos estudantes, não conseguiu se matricular. Sobre este fato a Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro publicou em 1884, o seguinte trecho: “Em princípio de sua carreira, tentou cursar a Faculdade Jurídica de São Paulo. A generosa mocidade acadêmica daquela época entendeu que deveria matar as aspirações do pobre rapaz, tratando-as com o suplício de santo Estevão e o apedrejaram com meia dúzias de chicotes lorpas. Luís Gama excluiu-se, revoltado, da companhia dos moços, horrorizado com a benevolência dos eruditos" (MENEZES, 1969, p. 565).

Com base nas análises feitas, a partir da reconstrução da história de vida de Luís Gama, constata-se que ele utilizou basicamente das seguintes estratégias: da ajuda simbólica e material de terceiros, como no caso do estudante de direito Prado Júnior e do professor de direito Furtado Mendonça. E se utilizou, também, do trabalho remunerado em algumas profissões burocráticas, como amanuense em escritórios de advocacia.

Verificou-se também que a proximidade geográfica da Academia Jurídica de São Paulo foi de certa forma um fator importante no sentido de estimular e instigar Luis Gama. E vale salientar que é visível na trajetória de socialização dele um sobre – esforço aliado a uma decisiva autodeterminação, isto é, em sua trajetória nota-se a presença de um investimento pessoal no sentido de se apropriar dos conhecimentos que lhe forneciam melhores condições para circular com maior segurança e desenvoltura na sociedade escravista brasileira do século XIX.

Desta forma, o modelo de trajetória realizada por Luis Gama:

Corroborar a idéia de que a educação, no século XIX, não deve ser pensada somente do ponto de vista da educação escolar. Um ponto de vista dessa natureza poderia induzir ao risco de se considerar, equivocadamente, que por não se registrar no período um sistema de ensino (uniforme e organizado) e uma maior quantidade de escola, não ocorreram outras manifestações educacionais (informais) traduzidas em



situações de ensino e aprendizagem que ocorriam no dia a dia das pessoas, na normalidade de suas vidas cotidianas e de suas relações sociais (CRUZ, 2009, p. 43).

Por fim, é importante destacar que foi a conjugação de todos os elementos e fatores descritos acima, que permitiram ao negro Luis Gama viabilizar uma trajetória bastante peculiar para época. Isso, tendo em vista que sobre os negros pesavam a sociedade escravista que se organizava com base não somente nas diferenças econômicas, mas também por meio de uma forte hierarquia racial que projetava o indivíduo branco como portador de uma humanidade superior em relação aos negros e índios.

Bibliografia:

- BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico Brasileiro*. 5 v. Conselho Federal de Cultura, 1970.
- BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A Miséria do Mundo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1997.
- _____. *O capital social – notas provisórias*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. Textos. In: Ortiz, Renato (orgs.). *Pierre Bourdieu*. Trad.: Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.
- CRUZ, Ricardo Alexandre da. *Negros e Educação: as trajetórias e estratégias de dois professores da Faculdade de Direito de São Paulo nos séculos XIX e XX*. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- LESSA, Orígenes. *Inácio da Catingueira e Luís Gama. Dois poetas negros contra o racismo dos mestiços*. Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 1982.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. V. 3 São Paulo: Saraiva, 1969.
- MENUCCI, Sud. *O Precursor do Abolicionismo no Brasil (Luís Gama)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.



MARTINS, Wilson. História Da Inteligência brasileira. V. 3. 4 ed. São Paulo: T. A.

QUEIROZ, Editor, 1996.

NOGUEIRA, Almeida. *Tradições e reminiscências. Estudantes, estudentões e estudentadas. São Paulo, (1907-1912).* 9 volumes.

PORTES, Écio Antônio. *Trajétoias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG – um estudo a partir de cinco casos.* Doutorado em educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

PORTES, Écio Antônio. CRUZ, Ricardo Alexandre da. A Presença de Negros Na Academia Jurídica de São Paulo-1827-1890: Notas Acerca Da Construção De Um Objeto De Pesquisa. In: MATA, Speranza França da. ROCHA, Marise M. Santana da. FARIAS, Iara Rosa (orgs.) *Direito e Cidadania: Interfaces científicas sob o olhar da educação.* São João Del-Rei: UFSJ, 2003.

REIS, Paulo Pereira. Luís Gama, O Moralista, O Advogado E Abolicionista. *Notícias Bibliográficas e Históricas.* Campinas, nº 143/144 p.224-242.jul./dez.1991.

SOUZA, Maria Cecília C.C. Ensinar a ler pode ser faca de dois gumes. São Paulo, metade do século XIX. In: *Trabalhos apresentados na 20ª Reunião Anual da Anped – CD ROM, Caxambu, setembro, 1997.*

_____. O preto no branco: a trajetória de escritor de Luiz Gama. IN: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. (orgs.). *Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação.* São Paulo: Edusp, 2001.

VAMPRE, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo.* Brasília: INL/ Conselho Federal de Educação. Dois volumes, 1977.



VIANA, Maria J. Braga. *Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidades*. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.